

## **O Globo Rural e a reportagem no telejornalismo: estrutura e desenvolvimento da narrativa audiovisual<sup>1</sup>**

Isadora Moreira RIBEIRO<sup>2</sup>

Denise Figueiredo Barros do PRADO<sup>3</sup>

Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG

### **Resumo**

O artigo leva em consideração o processo de produção audiovisual do telejornal *Globo Rural*. A análise é centrada nos recursos empregados na constituição estrutural e discursiva do programa e no acionamento deles na produção de conteúdo. Para tal foi considerada a edição especial de domingo, veiculada no dia 17 de fevereiro de 2013 e disponível para visualização on-line no site oficial do programa, de onde foi extraído o material para avaliação.

**Palavras-chave:** telejornal; Globo Rural; reportagem; televisão.

### **Introdução**

O telejornal *Globo Rural* é veiculado pela *TV Globo* desde 1980. Até o ano 2000, quando passou a ser exibido nas manhãs de segunda a sexta-feira, o programa era transmitido exclusivamente aos domingos. No formato atual, o telejornal matutino possui a versão semanal, com duração estimada de 30 minutos, e a versão de domingo, que ocupa cerca de 60 minutos na programação do canal aberto.

A estrutura do programa apresenta, conforme o site *Memória Globo*, “noticiário, reportagens e prestação de serviços voltados para o homem do campo”. Nos desmembramentos dessa definição estão o contato com o público via cartas e e-mails, que configuram pautas; a exibição da agenda de eventos agropecuários; os boletins de cotações

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática de Rádio, TV e Internet, da Intercom Júnior – X Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação do 7º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto. E-mail: [isadora.moreiraribeiro@gmail.com](mailto:isadora.moreiraribeiro@gmail.com).

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Doutora em Comunicação Social do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais e professora do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto. E-mail: [ufop.denise@gmail.com](mailto:ufop.denise@gmail.com).

de produtos; as notícias do cenário agropecuário como um todo e as reportagens, exibidas majoritariamente na edição especial de domingo.

Para análise foram selecionadas quatro matérias do dia 17 de fevereiro de 2013, domingo que representou a edição 1700 do programa. Os 42 minutos e 43 segundos de programação considerados são sequenciais e correspondem a um especial sobre óleos e essências extraídos de árvores da Amazônia, dividido em quatro blocos do telejornal. A estrutura da narrativa audiovisual dessas reportagens, pensada a partir da plataforma de distribuição e da organização discursiva dos elementos que a compõem, é o cerne da examinação.

Nesse sentido, a investigação atenta para a transposição do recorte da programação televisiva para a internet, o que aparece em Kilpp e Ferreira (2012) como TV off/on-line; leva em conta as considerações de Lewis, presentes Morley (2008), quanto à proximidade da estrutura narrativa da TV com o público, e passa pelas reflexões de Eco (1984) quanto à veracidade das transmissões pensadas para o suporte televisivo e as características da *Neotevê*.

### **Organização estrutural do programa**

As edições de domingo do *Globo Rural* são caracterizadas pela presença de ao menos uma reportagem temática com duração superior a 10 minutos. O programa considerado, em edição especial, pode ser compreendido como uma única reportagem com quatro vieses explorados no mesmo número de blocos compositores da edição, a qual foi visualizada na transmissão televisiva e no site oficial do telejornal.

Para fim analítico, foram selecionados os vídeos postados na internet os quais, adaptados da exibição televisiva, reproduzem o conteúdo nela primeiramente veiculado. Esse processo é definido em Kilpp e Ferreira como *postagem reprodutiva* e se associa ao que as autoras conceituam como TV off/on-line, que “são canais de TV off-line sitiados na Internet (on-line).” (2012, p. 4)

Na realocação do programa da plataforma off para a on-line ocorre uma nova formatação do conteúdo audiovisual, uma vez que há a primeira formatação do material bruto para a transmissão via TV. Esse método, no entanto, não interfere no conteúdo, que se mantém como o original. As alterações são estruturais e vinculam-se a um processo de

adaptação para o suporte on-line, que possui uma lógica de organização temporal diferente da que orienta a produção para TV.

[...] a maioria dos produtos produzidos para esta categoria (ou moldura) do *site* ainda tem o cunho de muita reprodução e muito pouca produção original. [...] A grande parte é recortada do material bruto já veiculado e simplesmente colocada no *site*, embora enunciada, nas molduras próprias da mídia internet, como outra. (KILPP; FERREIRA, 2012, p. 9)

Como retrato dessa alteração de moldura dos vídeos são perceptíveis os títulos que acompanham os blocos da programação recortados em forma de vídeos. Essa adaptação exigida pela plataforma digital na interação com o público é dispensada na transmissão televisiva, que conta com a mediação dos apresentadores. Entretanto, o material analisado não dispensa por completo essa mediação. Os apresentadores são mantidos no recorte na medida em que isso se faz necessário para a preservação de coerência do conteúdo.

Nesse sentido, a adaptação da TV off-line para a internet representa, para o caso estudado, um recorte audiovisual que possibilita ao usuário da plataforma uma independência quanto à grade de horário da programação e oferece filtros de seleção de conteúdo, que vão de buscadores de palavras-chave e procura por datas à já citada intitulação dos vídeos. Para o usuário, não são registradas perdas no teor do programa, que é apenas ofertado em outro formato que pressupõe o domínio da técnica de acesso.

### **Reportagem: desenvolvimento e conteúdo**

O desenrolar da análise passa, como já defendido, pela consideração da edição em questão como uma única reportagem, dividida ao longo dos blocos do programa de acordo com assuntos derivados do tema central. Na reportagem, o tema se constrói sobre o suporte do desenvolvimento sustentável, que orienta a produção discursiva nos vídeos selecionados.

A narrativa do programa se desenvolve, a partir de então, de forma bastante coesa entre os blocos e numa sequência fora da convencional lógica textual jornalística de exibição dos conteúdos em ordem decrescente de importância, nomeada pirâmide invertida. O enredo não é concebido em uma ordem necessariamente linear, mas de forma a envolver o leitor, o que não confirma a falha que Lewis observa no telejornalismo. Para ele, “falta aos telejornais uma estrutura narrativa (ou dinâmica de suspense-desenvolvimento) que, em

outros gêneros, serve para atrair a atenção do telespectador e assim motivar a audiência.” (1991, *apud* MORLEY, 2008, p. 70)

A arquitetura da reportagem, dessa forma, se organiza de modo a envolver o público no desenvolvimento do enredo, o que conta com nítidos apoios. Entre eles, destacam-se o papel do repórter, a variedade de fontes e a edição de vídeo. Há de se considerar, num segundo momento, a articulação do conteúdo, que não se processa de forma rasa e meramente informativa.

A atuação do repórter Vico Iasi, responsável pela edição em questão, dá-se predominantemente no âmbito de experimentar o que narra. A reportagem é bem amarrada quando se trata de unir imagem e locução. Os espaços visitados pelo repórter não são transmitidos de forma estática para funcionamento puramente referencial. É possível, a partir daí, falar em um cenário de dinamismo e que flui na proporção em que a história é contada.

A transmissão da experimentação do repórter, todavia, por mais naturalizante que seja, não exclui por completo a conformação dos fatos narrados em função da lógica televisiva. Além da edição para a TV e do recorte para a internet, é imprescindível considerar o planejamento que precede a gravação e interfere diretamente não só na postura do repórter, mas também nas fontes, que se inclinam, ainda que involuntariamente, para o lugar de fala televisivo.

Quando a reportagem mostra o cotidiano dos trabalhadores extrativistas da floresta Amazônica, por exemplo, isso não deixa de ser uma atividade parte da rotina local e desprovida de suas características. Ocorre é que as pessoas agem conscientes de que estão sendo captadas pela câmera, o que inevitavelmente interfere, ainda que não substancialmente, nos eventos. A presença de telecâmeras e a noção prévia da gravação são apontadas por Umberto Eco como interferências, intencionais ou não, no curso do que se reporta.

Verifica-se nesses casos um fenômeno curioso: aparentemente a televisão quer desaparecer como sujeito do ato de enunciação, mas sem com isso enganar o próprio público, o qual sabe muito bem que a televisão está presente e está inclusive consciente do fato de que aquilo que vê (real ou fictício) acontece bastante longe e é visível justamente graças ao canal televisivo. Mas a televisão marca sua presença só e justamente enquanto canal. (ECO, 1984, p. 187)

No teor dos vídeos, fica clara a escolha de fontes que representem o maior número de indivíduos beneficiados pelo extrativismo. Dentre elas, destacam-se pessoas que

trabalham diretamente na extração, proprietários de maior escala e pesquisadores. Tais fontes participam ativamente do discurso defendido pela linha narrativa do programa, o qual se centra no potencial econômico, aliado ao desenvolvimento local, da prática sustentável. Esse é, a propósito, um ponto de destaque do telejornal, que não explora o tema pela vertente exclusiva da rentabilidade, mas se estende também às implicações sociais do processo, o que não permite qualificar a cobertura como superficial.

O foco econômico do programa, particularizado em agronegócios, não é exibido na forma de um discurso direcionado ao público específico do campo. Por mais que tratem desses temas, os vídeos conseguem se fazer compreensíveis em sua completude, independentemente do domínio do assunto. Isso é consequência do ordenamento narrativo que, como anteriormente lembrado, não se prende à técnica da pirâmide invertida, mas se fia na delimitação de uma introdução, um desenvolvimento e um fim visivelmente demarcados e que não escapam no decorrer das subdivisões do tema. Ao contrário disso, eles se complementam.

Esse aspecto narrativo menos tendencioso a informar cruamente pela descrição sintética dos fatos se apoia em uma edição de vídeo de técnica apurada. Na reportagem, a construção da história passa brevemente pelo caminho da equipe até os locais de gravação, exhibe infográficos com função de posicionamento geográfico desses mesmos locais e conta com o acréscimo de áudios pertinentes ao enquadramento dado aos espaços visitados.



Imagem: Página do telejornal *Globo Rural* no site da *Rede Globo*.

O repórter, mostrado em contato direto com as cenas e fontes, participa assim da afirmação da ancoragem da reportagem no real. Nesse processo de conferir veracidade ao discurso, atua o olhar direcionado à câmera. O repórter, ao fazer isso, bem como os apresentadores, que conforme visto não são excluídos dos vídeos recortados, representam a si mesmos em fala direta ao público.

Colocado à frente do espectador, este percebe que aquele se dirige exatamente a ele, através do meio da tevê, sugerindo-lhe, implicitamente, que há algo de “verdadeiro” na relação que está sendo instituída, independentemente do fato de que ele esteja prestando informações ou contando simplesmente uma história fictícia. (ECO, 1984, p. 187 – 188)

Essa narrativa de cunho verídico, fundada na aplicação das técnicas apontadas em Eco, conforma-se nos moldes do que ele nomeia *Neotevê*. Para ele, a *Neotevê* insiste em não esconder os meios técnicos nem o contato direto que estabelece com o público. É parte explícita desse processo, além do já falado olhar para a câmera, a exibição do microfone com o logotipo da empresa, conforme se nota no programa analisado.

### **Informação e ficção**

Se por um lado a TV se vale de estratégias para demarcar sua presença, por outro isso não impede que a qualidade do programa permaneça, especialmente por seguir uma linha de narração mais próxima da ficção do que dos noticiários tradicionais. Nesse ponto, é possível observar a mescla que tece a trama dos vídeos. De um lado, o discurso informativo do *Globo Rural* passa pela aplicação de técnicas para reportar eventos de ancoragem real, verificáveis independentemente da gravação. De outro, ele não se desvia de uma estrutura que desperta interesse no telespectador.

Para Eco, essas estratégias de autenticação do conteúdo audiovisual são, em si, pertencentes ao campo da ficção. Então, onde estaria a verdade dos acontecimentos narrados? O autor aponta para uma verdade da enunciação em detrimento de uma verdade do enunciado, ou seja, a parcela de realidade do que acontece no vídeo é sobreposta à do que foi dito. O raciocínio de Eco passa, nesse sentido, pela aceitação da perda de importância da distinção entre informação e ficção frente a essa verdade do enunciado.

[...] já estamos agora diante de programas em que informação e ficção se trançam de modo indissolúvel e não é relevante quanto o público possa distinguir entre notícias “verdadeiras” e informações fictícias. Mesmo admitindo-se que tenha condições de operar essa distinção, ela perde valor em relação às estratégias que esses programas realizam para sustentar a autenticidade do ato de enunciação. (ECO, 1984, p. 191)

Essas estratégias são inegáveis. No entanto, é preciso considerar essa encenação que objetiva um efeito de verdade mais como uma moldagem da linguagem audiovisual do que um impasse ao desenvolvimento do programa em estudo. Outro ponto a levantar é a credibilidade do veículo, residente no contrato implícito existente entre ele e o público. Partindo daí, é bastante superficial encarar a adaptação dos eventos a uma plataforma de distribuição pelo viés único do pessimismo.

### **Apontamentos finais**

A programação escolhida para análise demonstrou as conclusões preliminares de Kilpp e Ferreira no tocante ao funcionamento das TVs off-line na internet (on-line) a partir da lógica da *postagem reprodutiva*. O conteúdo on-line do *Globo Rural* mantém a predominância do que foi transmitido na TV convencional, o que se reforça na oferta das edições completas dos programas para assinantes do portal.

Essa transposição adaptativa de conteúdo não foge, por pressuposto do caráter reprodutivo, da lógica organizacional do programa. Esse aspecto pode ser encarado como um ponto positivo, por possibilitar ao usuário um acesso a qualquer hora, e pode também ser associada à manutenção do caráter da *Neotvê* como lugar de fala de si mesma, uma vez que a postagem reprodutiva remete à transmissão em canal aberto.

Um já mencionado ponto refletor da adaptação do programa são os títulos que introduzem os vídeos recortados para a internet e orientam a busca e escolha dos usuários pela programação. Analisando as mídias numa lógica de desenvolvimento progressivo vinculada necessariamente ao progresso tecnológico da sociedade, pode-se perceber a fusão que se opera, na internet, entre impresso e audiovisual, a partir desse detalhe do acompanhamento textual.

Isso se faz valer pela aceitação de que os títulos são resquícios das mídias impressas que, na plataforma televisiva, são substituídos (não por completo) pela mediação dos apresentadores. Como a internet configura uma linguagem própria que exige o domínio técnico de um usuário que se propõe a guiar-se por ela, isso implica a necessidade de filtros

que lhe permitam interagir com a rede. No caso analisado, o site toma, diga-se por empréstimo, o texto grafado do impresso sem, contudo, dispensar a mediação dos apresentadores na introdução do tema, necessária à consolidação de sentido do material fornecido para visualização. Junta-se a isso, ainda, a constatação de que os títulos não são transcrições do que se diz nos vídeos; apenas se embasam no conteúdo deles.

Ao se admitir a colocação de Lewis de que “o mundo fictício da televisão em geral é muito mais próximo ao da maioria das pessoas do que aquele apresentado nos telejornais” (*apud* MORLEY, 2008, p. 71), deixa-se de lado, certamente, a possibilidade que a TV tem de informar em proximidade com o público. Os vídeos eleitos como objeto de estudo dão provas suficientes de que o jornalismo televisivo pode, por meio da reportagem, no caso, construir tramas que despertem o interesse do público sem que isso seja necessariamente ficção. O valor dos efeitos ficcionalizantes da produção televisiva não pode, assim, ser considerado como prejuízo para o conteúdo das reportagens do *Globo Rural*; isso é inevitável, já que o programa está sujeito aos meios de produção da plataforma para a qual foi pensado e é executado.

## REFERÊNCIAS

Aproveitamento ecológico do pau-rosa impede extinção da espécie. **Globo Rural**. 17 Fev. 2013. Disponível em  
<<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:http://g1.globo.com/economia/globo-rural/videos/t/edicoes/v/aproveitamento-ecologico-do-pau-rosa-impede-extincao-da-especie/2409798/>> Acesso em: 1 Set. 2013.

Coleta de murumuru transforma a vida de agricultores na Amazônia. **Globo Rural**. 17 Fev. 2013. Disponível em  
<<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:http://g1.globo.com/economia/globo-rural/videos/t/edicoes/v/coleta-de-murumuru-transforma-a-vida-de-agricultores-na-amazonia/2409800/>> Acesso em: 1 Set. 2013.

Cooperativa na ilha do Marajó organiza a coleta de andiroba. **Globo Rural**. 17 Fev. 2013. Disponível em  
<<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:http://g1.globo.com/economia/globo-rural/videos/t/edicoes/v/cooperativa-na-ilha-do-marajo-organiza-a-coleta-de-andiroba/2409799/>> Acesso em: 1 Set. 2013.

Ribeirinhos transformam riquezas da Amazônia de maneira sustentável. **Globo Rural**. 17 Fev. 2013. Disponível em  
<<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:http://g1.globo.com/economia/globo-rural/videos/t/edicoes/v/ribeirinhos-transformam-riquezas-da-amazonia-de-maneira-sustentavel/2409797/>> Acesso em: 1 Set. 2013.

ECO, Umberto. **Tevé: a transparência perdida**. 1984, p. 182 – 203.

KILPP, Suzana; FERREIRA, Lorena de Rise. Estatuto do audiovisual na Internet. In.: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 11., 2012, Juiz de Fora. Juiz de Fora: UFJF, 2012, p. 1-14.

**Memória** **Globo.** Disponível em  
<<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/globo-rural.htm>> Acesso em: 4 Set. 2013.

MORLEY, David. Televisão e conhecimentos gerais. Descobrindo o mundo a partir dos telejornais. In.: **Cadernos de Televisão**. N. 2, agosto de 2008. Rio de Janeiro: Instituto de Estudos de Televisão, p. 63 – 93.